

O homem da mortadela

BRIAN KELLY • MARK LONDON
Do N.Y. Times

Num barraco de madeira perto do acampamento de uma mina de ouro na floresta amazônica, um homem vendia sanduíches de mortadela, cebola e queijo, de cheiro muito forte. O suor manchava sua camiseta vermelha, já descorada, com o emblema da University of Arizona, enquanto preparava alguns sanduíches para seus visitantes. Ele não estava interessado em dinheiro, disse ele em português; queria um público para o seu sermão: o Brasil está-se tornando um grande país, era o que nos queria dizer — se tornaria rico, poderoso e livre; se tornaria em país semelhante aos Estados Unidos.

Encontramos o homem da mortadela há quase dois anos e apesar de ele falar como se fosse um agente do governo, nós sabíamos que não era este o caso. Durante meses de viagem pelo Brasil, principalmente na região da fronteira amazônica, tivemos oportunidade de ouvir esse mesmo sentimento muitas vezes, de muitas pessoas diferentes, de maneira que já não duvidávamos de sua sinceridade.

E tínhamos visto a evidência disso tudo: jovens engenheiros que abandonavam a cidade para construir represas no meio da selva, famílias que migravam de favelas e que passavam anos lutando para conseguir que um pedaço de terra produzisse. Ficamos impressionados com o espírito, com o desejo de conseguir uma vida melhor e também com a semelhança que essa nação, que reúne várias raças, tinha com nosso próprio país há cem anos atrás. Essas pessoas acreditavam que o destino delas era o sucesso.

Agora que o debate a respeito do destino do maior país da América do Sul se atolou nas conversações de banqueiros a respeito de créditos comerciais, de empréstimos-ponte e de reservas de divisas, seus 125 milhões de habitantes, que fazem sanduíches, que dirigem ônibus e que mendigam alimentos, foram esquecidos. Os Estados Unidos sabem o que as enormes dívidas brasileiras significam para o sistema bancário internacional, mas perdeu-se de vista o que

a sua população significa para a credibilidade da nossa própria nação.

Numa formulação bem simples, girando nossas costas para eles, não fazendo tudo o que pudermos para ajudá-los a sair da maior crise de endividamento que o mundo já viu, é possível que estejamos negando muito do que a nossa nação representa.

Nas últimas semanas, notícias do Rio de Janeiro e de São Paulo nos informaram a respeito de saques de supermercados praticados por brasileiros famintos, de greves gerais para protestar contra o desemprego e contra um corte drástico nos salários e, talvez o mais perturbador de tudo, nos informaram a respeito de comentários sobre o fim do ilimitado otimismo brasileiro.

Os Estados Unidos não podem permitir que esse otimismo morra. Ele está sendo substituído por uma amarga sensação de traição: eles fizeram tudo o que nós queríamos — aceitaram os empréstimos de desenvolvimento que lhes foram oferecidos, forjaram uma base industrial, avançaram as fronteiras agrícolas, iniciaram um retorno à democracia — e agora estão sendo estrangulados justamente por terem feito tudo isso.

As severas soluções exigidas pela comunidade bancária internacional, cujos membros participaram das reuniões do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial em Washington, na semana passada, dão aos brasileiros a opção de atacar a própria economia e arriscar colocar um ponto final no seu progresso político e econômico, ou de declarar incapacidade de pagamento e se tornar uma espécie de criminosos financeiros internacionais. E eles merecem coisa melhor.

Se existe alguma verdade na ideia de que o caráter nacional sempre é exibido com mais intensidade na fronteira, o Brasil é um país que tem chance de dar certo. Ele possui quase a mesma abundância que os Estados Unidos em termos de terras agrícolas, reservas minerais e rios — além de uma constituição e um governo federal modelados de acordo com os nossos e uma cultura que se alimenta dos fluxos de vários tipos de imigrantes. Bem mais importante

é o que os brasileiros estão fazendo com esses recursos. Nós encontramos centenas de pessoas como o homem da mortadela, dispostas a sacrificar a segurança de um emprego menor nas grandes cidades do Sul para migrar em direção à fronteira em troca de uma oportunidade de uma vida melhor.

Existem limites para esse otimismo. Nem todos são pioneiros. O Brasil tem acentuadas diferenças de classe e disparidades de rendas bem como uma mentalidade repressiva em certos setores que não estão dispostos a afrouxar as rédeas sobre as classes inferiores. O governo, dominado pelos militares desde um golpe em 1964, provocou muitos dos problemas financeiros através de empréstimos irrestritos e de empresas estatais ineficientes.

Mas o que nós vimos lá sugere que os banqueiros deveriam esquecer os dólares por um momento. Sem querer diminuir as necessidades do México ou da Argentina, ou de quaisquer outros países em dificuldades, é aqui que os Estados Unidos deveriam colocar a sua maior força.

Os brasileiros não deveriam ser castigados como crianças que cometeram um erro. Nós deveríamos dar ouvidos às necessidades deles e trabalhar para desenvolver uma solução que lhe permita continuar crescendo. Pois o Brasil precisa crescer, explicou-nos um economista; caso contrário, ele irá acabar se autodevoando.

Mesmo a recente facilitação do FMI das demandas de reforma fiscal não é suficiente. A proposta brasileira de uma moratória de cinco anos sobre a dívida parece ser razoável. Nós não devemos forçar o Brasil a uma situação financeira que implique uma vida precária, determinada mês a mês pelo que lhe será dado pelo Fundo Monetário Internacional.

Possivelmente, a racionalização mais simples para ajudar é que, se não pagarmos agora, teremos de pagar mais tarde pelo colapso financeiro e pela inquietação política que irão ocorrer com toda a certeza. Mais importante ainda: nós precisamos compreender o simbolismo do Brasil. O bem-estar desse país é uma prova de que estamos dispostos a apoiar as nossas convicções.